

PESQUISA EM LÍNGUA PORTUGUESA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS¹⁶

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ)
aytelfonseca@yahoo.com.br

Mario Sergio Mangabeira Jr. (UERJ)
mariojunioruerj@gmail.com

O objetivo do presente artigo é ilustrar três diferentes possibilidades de pesquisa sobre a língua portuguesa, com base em nossa própria experiência. Optamos pela diversidade de enfoques, de modo a traçar relações com outras áreas de nosso interesse: *literatura, políticas públicas para a educação e ensino*.

Acreditamos que tal variedade de diálogo é possível por ser a língua o meio de interação social básico, que permeia todos os campos do saber.

Desejamos que os relatos de nossa prática como pesquisadores e professores auxiliem os graduandos, público-alvo do trabalho, a vislumbrarem novas possibilidades de investigações.

1. Primeiro relato: Criação literária, prazer e expressividade¹⁷

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca

Aprendi, em uma aula de metodologia, que para se fazer um bom e sincero trabalho monográfico devemos partir de questionamentos que nos persigam em nossos estudos, que abalem nossas certezas. Então a pesquisa será *uma* resposta, nunca definitiva, às perguntas motivadoras.

As dúvidas que agora me lançam aos estudos surgiram de duas vivências: uma como *leitor*, outra como *professor*.

¹⁶ Este artigo resulta do trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos de 01 a 04 de abril de 2010.

¹⁷ Trabalho ainda em desenvolvimento que teve uma primeira versão como monografia, para o cumprimento das atividades de um curso de especialização em língua portuguesa.

Refletindo sobre minhas leituras, indago-me com frequência:

- Por que dos livros de Clarice Lispector e de Caio Fernando Abreu, por exemplo, me ficam frases particulares e expressivas, “memórias em palavras”, e não fragmentos do enredo?
- Por que meu susto (agradável) ao conhecer a língua de um Ribaldo, de João Guimarães Rosa?
- Por que *best-sellers* e algumas traduções não me aprazem muito, não exigem releituras?
- Por que o fascínio, na minha incursão tardia pela literatura infanto-juvenil, por uma Lygia Bojunga e por um Monteiro Lobato, que brincam com as palavras?

No bojo dessas interrogações particulares, está uma questão mais universal: *O prazer provocado por algumas leituras tem relação com o trabalho artístico que o escritor faz com o código?*, o que implica outro questionamento: *Qual a importância do trabalho expressivo com a língua para a criação literária?* A primeira aponta para a leitura. A segunda, para a escrita. Complementam-se.

Lançadas as questões, veio a difícil escolha do caminho a ser seguido para encontrar *uma* possível resposta, e veio também a certeza da impossibilidade de atender a perguntas muito amplas com um trabalho de fôlego tão limitado, feito com poucas linhas e em curto tempo.

Para solucionar a segunda dificuldade, bastou livrar-me da vaidade de querer dar respostas geniais e definitivas, reconhecer uma das especificidades da monografia, que é a de fazer recortes teórico-práticos, e lembrar que a pesquisa pode durar *toda a vida*. Caso as dúvidas insistam, terei de iniciar novos estudos, escrever outros textos.

Quanto ao primeiro embaraço, a solução foi delimitar uma *metodologia*, dividida em três etapas.

O passo inicial consistiu em aprofundar meu conhecimento teórico sobre os assuntos envolvidos: leitura, criação literária e Estilística. Considero esse o procedimento mais relevante, porque fundamenta a análise do *corpus*, e também o mais longo, porque exige releituras e fichamentos.

Na segunda etapa, “ouvi” escritores falarem sobre seus processos

criativos. Sem ter como intenção principal julgá-los, teçi comentários sobre o peso atribuído por alguns deles ao trabalho artístico com a linguagem.

Como último procedimento, enfoquei um escritor que, declaradamente, valoriza o plano da expressão de suas obras: Caio Fernando Abreu, o autor que mais tenho lido e com o qual me envolvo estética e sentimentalmente. Seus textos me proporcionam prazer tanto pelos assuntos tratados quanto pela forma particular de emprego dos recursos linguísticos.

Após contato com quase toda sua obra, selecionei um conto que, em um primeiro olhar, prenunciou um rico potencial linguístico-expressivo e que também muito me sensibilizou: *Linda, uma história horrível*.

Atualizando o objetivo central do presente estudo de modo a abarcar as duas questões lançadas, afirmo que pretendo refletir, com base em depoimentos de escritores e em um conto de Caio Fernando Abreu, sobre a relação entre criação literária – e a consequente fruição na leitura – e o trabalho linguístico-expressivo com a língua portuguesa.

Ao lado desse objetivo específico, existem outros dois mais gerais: ampliar minhas leituras sobre Estilística, que enfoquei na graduação e que pretendo destacar também no mestrado, e estudar língua e literatura de maneira articulada, desvencilhando-me do preconceito de que uma pesquisa de especialização em língua portuguesa não pode dialogar com a literatura.

Além da vivência como leitor, ponho em jogo também minha experiência como *professor*.

Tenho refletido bastante sobre a apropriação das composições literárias pelos estudantes, tentando estabelecer relações entre as suas trajetórias de vida e a leitura. Acredito que, se o leitor-aprendiz se reconhece no texto, se vê participando da construção do sentido, mais fácil é seduzi-lo.

Percebo, porém, que falta um contato mais *íntimo* do aluno com o texto enquanto artefato linguístico, composto pelos planos fonético, morfo-sintático e léxico-semântico. Por isso o meu terceiro questionamento: *Quais os modos de aproximar o estudante da materialidade expressiva principalmente dos textos literários?*

Minha atenção, no primeiro estágio da pesquisa, centra-se nas duas primeiras dúvidas, as que relacionam criação literária à expressividade e ao envolvimento estético com o texto, mas acredito que o presente estudo me possibilitará amadurecer ideias para pesquisas futuras.

Em minhas próximas publicações e apresentações em eventos, pretendo divulgar os resultados a que tenho chegado.

2. Segundo relato: Prova Brasil e Livro didático: consonância ou descompasso?

Mario Sergio Mangabeira Junior

O Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), muitas vezes, constitui o principal material escrito manuseado e lido de forma sistemática pelos alunos da rede pública de ensino do Brasil. O Ministério da Educação (MEC) sugere que os LDLP corroborem com o desenvolvimento progressivo da compreensão leitora. A leitura é fundamental para o desenvolvimento da capacidade de aprender (aprender a aprender) e para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem (aprender a conhecer).

Um bom exemplo desta orientação didático-pedagógica está na Prova Brasil, levada a efeito pelo MEC. A prova foi idealizada para produzir informações sobre o ensino oferecido por município e escola, individualmente, com o objetivo de auxiliar os governantes nas decisões e no direcionamento de recursos técnicos e financeiros, assim como a comunidade escolar no estabelecimento de metas e implantação de ações pedagógicas e administrativas, visando à melhoria da qualidade do ensino. São aplicadas provas de Língua Portuguesa (com foco em leitura), com questões elaboradas a partir do que está previsto para as séries avaliadas nos currículos de todas as unidades da Federação e, ainda, nas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A pesquisa intitulada “Prova Brasil e os livros didáticos: consonância ou descompasso?”, traça um estudo crítico dos descritores de habilidades e competências da Prova Brasil, referentes ao Tópico I– Procedimentos de leitura, aplicadas ao 5º ano do ensino fundamental e a proposta de trabalho com a Língua Portuguesa desenvolvida por alguns livros didáticos aprovados pelo PNLD. Partindo da seleção de questões de

LEITURA aplicadas na Prova Brasil de 2005 e 2007, pretendemos estabelecer um novo olhar sobre o trabalho de leitura dos LDLP e a proposta da Prova Brasil, explicitada nas Matrizes de Referência em Leitura, a qual norteia a referida avaliação.

A escolha do objeto de investigação justifica-se, sobretudo, por uma grande razão: ao lado de uma literatura acumulada que embasa a afirmação de autores de livros que se pautam em propostas construtivistas e na proposta de letramento, carecemos de um exame mais cuidadoso das contribuições das competências e habilidades presentes nos descritores da Prova Brasil e a sua consonância (ou não) com os livros didáticos recomendados pelo MEC. Tais análises e reflexões corroboram para novas reflexões sobre o desenvolvimento da competência leitora e a evidência da relação teoria x prática, no que se refere à abordagem sociointeracionista do discurso, bem como contribuições para uma formação discursiva dos alunos.

O estudo parte de um sólido embasamento teórico – uma vez que serão utilizadas reflexões de autores renomados para fundamentar as hipóteses suscitadas durante a investigação – e de um processo de análise qualitativo, já que serão feitas inferências acerca dos dados coletados. Baseamo-nos em estudos de Kleiman (2004), Sole (1998) e Rojo (2009), fundamentados nos princípios de Estratégias de Leitura como concepção de ensino de leitura. Apoiamos nossas reflexões sobre conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo a serviço da produção de sentidos do texto, a partir das postulações de Antunes (2009), Koch (1999) e Marcuschi (2008), Bakhtin (1979) e de Geraldi (1997).

Para investigar os pontos de congruência e descompasso entre a Prova Brasil e os livros didáticos aprovados pelo MEC, analisamos o funcionamento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a forma de avaliação dos Livros de Língua Portuguesa, os fundamentos teóricos e abordagens didáticas que embasam essa avaliação, os descritores, matrizes de referência, e exemplos de questões que constituem a prova, bem como três livros de Língua Portuguesa, do 5º ano escolar, de editoras diferentes.

O critério empregado para a escolha do *corpus* partirá do enfoque comparativo entre o que o Ministério da Educação espera dos alunos, em relação à proficiência leitora e o que e como os livros, em geral, contribuem para o alcance dos objetivos propostos. O *corpus* deste trabalho é composto por exemplares de questões de Língua Portuguesa da Prova

Brasil, aplicadas em 2005 e 2007, ao 5º ano/ 4º série e questões dos seguintes livros selecionados: *Infância Feliz* (ALBUQUERQUE, ARÉDES, GRILO, 2009), *Aprender Juntos* (VASCONCELOS, 2009) e *L.E.R.* (BASSI, LEITE, 2008)

Depois de lidas as referências bibliográficas e checados os resultados obtidos pela análise do corpus, realizou-se a identificação de estratégias e habilidades essenciais à situação de leitura. Após a verificação, comentou-se a intenção comunicativa sustentada por essas escolhas em cada texto. Então, realizamos uma comparação qualitativa dos pares de textos que versam sobre os mesmos aspectos observados.

Por último, averiguamos se os livros analisados e os descritores da avaliação apresentam convergência ou divergência de intenção comunicativa, visando à formação de um aluno autônomo linguisticamente. Identificamos divergências e, como conclusão, verificamos que os LDLP deixam lacunas em relação ao desenvolvimento da competência e habilidades que envolvem uma leitura proficiente.

Os autores afirmam, no manual do professor, que as obras seguem a concepção teórica presente nos PCN e propõem atividades de leitura que treinam o raciocínio, o pensamento crítico e as habilidades argumentativas. Porém, na prática, observamos um excessivo número de questões voltadas à identificação de informações explícitas dos textos. Constatamos que há, ainda, um grande caminho a percorrer em relação ao trabalho de compreensão inferencial, o qual possibilitará a formação de leitores competentes e capazes de agir e interagir, com êxito, nas inúmeras práticas sociais de leitura.

Mediante a essas observações, afirmamos que o objetivo do trabalho seja alcançado à medida que desperte o interesse de professores de Língua Portuguesa e graduandos em Letras a observar a prática de ensino de leitura conduzida pelos livros didáticos, em todo o país, e a proposta da Matriz de Leitura, que é referência nacional em proficiência leitora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailóvitch. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRAIT, Bete. *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Básica. *Pró-Letramento: Programa de Formação continuada de professores de anos/séries iniciais do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2007.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. UFPE. Recife: 2000.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____; BATISTA, Antonio Augusto Gomes (Orgs.). *O livro didático de língua portuguesa no ensino fundamental: letramento escolar, leitura e escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SOLÈ, Isabel. *Estratégias de leitura*. São Paulo: Artmed, 1998.